

Democracia radical e Zonas Autônomas Temporárias (TAZ): para além de uma conjuntura teórica

Thaís Maria Rocha Lemos⁴⁸

1.

Se “la democracia radical describe la aventura de los seres humanos al crear, con sus propias manos, las condiciones para su libertad” (LUMMIS, 2002: 29), há que se pensar em uma maneira de propiciar meios para efetivá-la, e não apenas esperar pela vinda de um futuro abstrato. A questão que se coloca, então, é: como os indivíduos podem maximizar a sua liberdade nos dias de hoje, no mundo real?

Entendemos como um profícuo caminho para pensarmos em maneiras de propiciar a vivência de uma democracia radical no presente recorrermos ao pensamento de Hakim Bey, que ao enunciar mecanismos de “ataque oculto as instituições” fornece-nos estratégias possíveis para solapar um dos inimigos da democracia radical: o capitalismo. No entanto, longe de ter o foco de tais ações em entes imaginários, Bey (s/d) propõe que nos fixemos em “nôdos identificáveis de poder em tempo real”, ou seja, devemos ter por alvos as estruturas que permitem a constante reprodução do espetáculo.

O seriado norte-estadunidense *Mr. Robot* (2015), escrito e dirigido por Sam Esmail e produzido pelo canal USA Network, apesar de não assumir a influência exercida pelo anarquismo ontológico⁴⁹ de Hakim Bey em sua construção, acaba por operacionalizar muitas de suas proposições. A série acompanha a vida de Elliot, um jovem

48 Mestra e doutoranda em Direito pela UFMG. Email: thaisaa-lemos@hotmail.com

49 Em que pese Lummis acreditar que a democracia radical não é compatível com o anarquismo, uma vez que o mesmo “normalmente busca abolir el poder en el momento mismo que libera al pueblo” (2002: 42), acreditamos não haver incompatibilidade em utilizarmos mecanismos propostos pelo anarquismo ontológico de Bey com vistas a implementação de uma democracia radical, uma vez que ambos os postulados teóricos possuem como inimigo em comum o capitalismo.

programador que trabalha como engenheiro de segurança cibernética e que, nas horas vagas, atua como um hacker implacável.

A vida de Elliot muda drasticamente quando ele é recrutado para se juntar a FSociety, um coletivo hacker que, ciente que “economic slavery, environmental genocide, exploitation of the poor” são “business as usual for the tyrants at the top”, afirmam: “we cannot fix the system, so, we must shut it down”⁵⁰. A FSociety logra descobrir um “alvo que não seja uma ideia, um pedaço de papel, uma assombração que nos acorrenta aos nossos próprios sonhos ruins sobre poder e impotência” (BEY, s/d) : a E-Corp (Evil Corp, conforme costumam designá-la). A Evil Corp é, no seriado, um dos maiores conglomerados multinacionais do mundo, que além de produzir computadores, telefones, tablets e outros, mantém uma divisão de banco e crédito ao consumidor, que, de acordo com Mr. Robot (alter-ego de Elliot), detém 70% do crédito do consumo global.

A FSociety evidencia na ficção o que Hakim Bey denomina de Zona Autônoma Temporária (TAZ), ou seja, “um grupo, uma coagulação voluntária de pessoas afins não-hierarquizadas, que pode maximizar a liberdade por eles mesmos numa sociedade atual” (2002: s/p) por meio da ruptura com o controle subjetivo perpetuado por hierarquias opressivas. As ações da FSociety na trama ficcional configurar-se-iam como intervenções clandestinamente arquitetadas enquanto estratégia para destruir uma das subjetividades que permitem que a roda dentada do capitalismo continue girando: a do endividado.

2.

O capitalismo não pode ser reduzido ao mero status de modo de produção, uma vez que ele também erige mundos, e, desta feita, é capaz de programar por meio de mecanismos externos, que, uma vez introjetados nos indivíduos, formam as suas subjetividades.

⁵⁰ “escravidão econômica, genocídio ambiental, exploração dos pobres (...) negócios corriqueiros para os tiranos no comando (...). Não podemos consertar o sistema, então devemos derrubá-lo” (tradução livre). NBC Universal Media, Disponível em: < <https://www.whoismrrobot.com/fsociety/>>. Acesso em: 05/07/2016.

Tal processo de subjetivação se efetiva de maneira extremamente complexa, mediatizadas pelas necessidades de reprodução do capital em detrimento da autonomia fundamental à existência humana.

Um dos meios utilizados pelo capitalismo a fim de exercer controle sobre a vida – por meio da subtração da autonomia –, é a promoção do consumo, o qual tem por consequência o endividamento. Em outros termos, trata-se da relação credor-devedor. A este respeito, Maurizio Lazzarato assinala que a condição do capitalismo na contemporaneidade se caracteriza pelo deslocamento da função anteriormente exercida pela propriedade. Esta não mais se reduz à sua definição postulada nos termos da tradição marxista, pois se converteu em um nível de abstração superior, que, em última instância, apesar de (ainda) se organizar em torno da propriedade, consiste em uma relação de poder, a qual,

[...] ao invés de partir da igualdade de troca, parte da desigualdade da relação entre credor e devedor, que é imediatamente social: a economia da dívida não faz distinções entre assalariados e não assalariados, entre ocupados e desempregados, entre trabalho material e imaterial, pois todos estamos endividados. Ao mesmo tempo, é uma dimensão imediatamente mundial, que atua e comanda transversalmente acima das divisões entre países ricos e pobres, consolidados ou emergentes. O crédito/débito foi uma arma fundamental da estratégia capitalista depois dos anos 1970, deslocando completamente o terreno da luta de classes, em nível social e mundial, razão pela qual ainda temos dificuldade para enfrentá-la (2012: s/p).

A dívida, outrora, consistia no ato de deixar de honrar um compromisso, isto é, estabelecia-se do passado para o presente e era vivenciada sob a égide do comprometimento do indivíduo com o dever de reparação. No âmbito dos reordenamentos das estratégias

capitalistas, o endividamento converteu-se em uma forma de viabilizar o consumo no presente, mediante a expectativa de saná-la no futuro. Algo engenhoso e trágico a um só tempo – do ponto de vista do credor, tem-se a projeção de um patrimônio, desde que a dívida seja honrada. Para o endividado, restará submeter-se ao aprisionamento, que em essência não difere das mais remotas modalidades de coerção.

O endividado, segundo Hardt e Negri, é uma das subjetividades moldadas pela hegemonia das finanças e dos bancos, decorrente do triunfo do neoliberalismo. A exploração do capital não mais reside dentro dos muros das fábricas, e desta forma, as suas artimanhas de exploração também não se subsumem mais somente na exploração do trabalhador sob o mito da troca (supostamente) livre e igualitária da força de trabalho por salário. Hoje, grassa a figura do trabalhador precarizado, “cuja imagem dominante de sua relação com o capital configura-se não mais como uma relação igual de troca, e sim como uma relação hierárquica entre credor e devedor” (2014: 24).

O controle financeiro da vida conseguiu inverter/dissimular a compreensão que os endividados têm sobre sua condição, apresentando-os a si mesmos como consumidores e buscando mascarar que a dívida controla as relações de produção e exploração, pois, a fim de assumirem as suas, os endividados acabam caindo em um mecanismo de coerção externa, que passa a gerir o seu tempo, as suas atividades, em busca da satisfação do “dever moral” de quitá-las. Dessa maneira, uma nova forma de assenhoreamento do indivíduo é sacramentada. Neste sentido, Hardt e Negri assinalam que a “generalidade crescente do endividamento marca um retorno as relações de servidão que nos remontam a outros tempos”:

[...] os proletários não são propriedades dos senhores e, assim, são livres dos vínculos medievais de servidão [...], mas também são livres de propriedade no sentido de que não possuem nenhuma. O novo pobre da atualidade [...] por meio de suas dívidas, é, de novo, propriedade dos senhores; nos dias de hoje, senhores que mandam

por meio das finanças. As figuras do fiador e do servo por contrato renasceram. Em épocas passadas, os imigrantes e as populações nativas nas Américas e na Austrália tinham de trabalhar para comprar a si mesmos até quitar a dívida, mas com frequência, a dívida deles crescia continuamente, condenando-os à servidão indefinida. Incapaz de se livrar da miséria à qual está reduzido, **o devedor está preso por cadeias invisíveis, que devem ser reconhecidas, compreendidas e quebradas a fim de se tornar livre** (2014: 26-27, grifo nosso).

A sobrevivência na sociedade capitalista tornou-se subproduto do processo de contração de financiamentos. A vida transcorre em uma cadeia de ilusórias necessidades introjetadas por sedutores mecanismos midiáticos. Assim, convertemo-nos em sociedade de endividados, portadores de neurastenias as mais inimagináveis. Verdadeiras fobias, pânico de não conseguir manter os financiamentos e até as despesas mais corriqueiras da manutenção cotidiana são postergadas por sistemas crediários. A banalização do endividamento traz subjacente a si a manutenção de conglomerados financeiros, que, por sua vez, são otimizados pelo aparato tecnológico fornecido pelas redes de informação, que, por meio de sua onipresença, passa a ter o domínio de interesses individuais, extraídos até pela mais desprezível visita a sites de notícias. As redes sociais, aparente meios de entretenimento e rasas sociabilidades, também negociam um bem extremamente valioso ao mercado do endividamento, os sutilmente denominados “padrões de comportamento”, que influenciam a contratação de “crédito”, diga-se, dívida.

Hakim Bey propugna que a Rede (internet), nesse sentido, não pode ser entendida como a solução final, porque até mesmo ela foi apropriada pelo sistema enquanto um mecanismo de captura da vida. Muito embora tenha sido considerada inicialmente o prenúncio de algo revolucionário, a promessa inicial de um mundo multitudinal, seus usos foram, porém, sorrateiramente cooptados e passaram a

difundir estruturas de conformidade com o *establishment*. Para Bey, deveríamos falar sobre “redes” no lugar de “A rede”, pois, deste último modo, “ela se torna apenas outro meio de alienação, mais envolvente que a TV, talvez, mas de qualquer maneira mais total em sua hipnose” (1997: s/p). Esses espaços outros da rede seriam encontrados na chamada *deep web*, um nível da internet no qual não existe controle estatal e o qua, por vigorar como regra a anonimato daqueles que a utilizam, pode ser um local fecundo para a proliferação das Zonas Autônomas Temporárias, uma vez que:

[...] a TAZ é um acampamento de guerrilheiros ontologistas: ataque e fuga. Continue movendo sua tribo inteira, mesmo que ela seja apenas dados na web. A TAZ deve ser capaz de se defender; mas, se possível, tanto o “ataque” quanto a “defesa” devem evadir a violência do Estado, que já não é uma violência com sentido. O ataque é feito às estruturas de controle, essencialmente às idéias. As táticas de defesa são a “invisibilidade”, que é uma arte marcial, e a “invulnerabilidade”, uma arte “oculta” dentro das artes marciais. A “máquina de guerra nômade” conquista sem ser notada e se move antes do mapa ser retificado. Quanto ao futuro, apenas o autônomo pode planejar a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. É uma ação conduzida por esforço próprio. O primeiro passo se assemelha a um satori – a constatação de que a TAZ começa com um simples ato de percepção (BEY, 2001: 16).

Nesse sentido, as ações da TAZ se configurariam como uma modalidade de levante, ou seja, um enfrentamento deflagrado de forma inusitada e surpreendente contra as estruturas de controle do sistema. E por independermos de um programa, por não possuírem objetivos fixos, pré-estabelecidos, os levantes se inserem sempre na seara das possibilidades. Bey afirma que o “levante sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do ‘progresso’”, e constitui

uma “experiência de pico” se comparada ao padrão “normal” de consciência e experiência (2001: 15). Depreende-se, assim, que o levante, conforme defendido por Bey, aproxima-se da filosofia da possibilidade apresentada por Maurizio Lazzarato. Para este autor, o possível é a produção do novo, e abrir-se a ele é como “acolher, tal como acontece quando nos apaixonamos por alguém, a emergência de uma descontinuidade em nossa experiência; e construir, a partir da nova sensibilidade que o encontro com o outro proporciona, uma nova relação, um novo agenciamento” (2006: 18).

3.

Importa ressaltar que aquilo que convencionalmente se chamou de revolução a partir de diferentes matizes do pensamento de esquerda se tornou um mecanismo rigorosamente obsoleto. Vejamos. O conceito de revolução foi “anacronizado” uma vez que suas utilizações se mantiveram reféns de um postulado temporalmente circunscrito, e aqueles que o adotaram como pressuposto fundamental da luta política o mantiveram como uma espécie de mantra, sob o ônus da sua inadequação frente ao curso inexorável da história. Dito de outra maneira, o conceito de revolução foi sacralizado, ou seja, foi retirado do âmbito do fazer humano, motivo pelo qual é imprescindível a assunção daquilo que Giorgio Agamben reivindica sob o termo “profanação” (cf. 2007: 65).

É neste sentido de crítica à revolução sacralizada que Bey assinala a falência de modelos que, na melhor das hipóteses, tão somente promoveram a reprodução cíclica de um protocolo de dominação:

O slogan “Revolução!” Transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha-do-destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um

Estado após o outro, cada “paraíso” governado por um anjo ainda mais cruel (2001: 15).

Bey aponta que as palavras “levante” e “insurreição” são utilizadas pelos historiadores para caracterizar revoluções que fracassaram, ou seja, movimentos que não conseguiram terminar a trajetória padrão e romper com a conjuntura que a desencadeou. Ademais, a “a história diz que uma Revolução conquista ‘permanência’, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é ‘temporário’” (2001: 16). No entanto, tal concepção ignora o fato de que os levantes geram férteis campos de subjetivação, que não ficam restritos ao momento único do levante, uma vez que ainda irão ressoar e continuar se reproduzindo por meio das vivências interpessoais dos indivíduos que foram por ele alcançados.

Na história do capitalismo, desde seus apologistas liberais aos críticos de orientação socialista prevaleceu a crença no trabalho como a dimensão a partir da qual se operacionaliza a definição primordial das relações sociais – capital x trabalho. Lazzarato não apenas rompe com binarismo proposto pelo modelo dialético, mas, sobretudo, com a noção de capitalismo como “modo de produção”, uma vez que o capitalismo consiste na redução da criação aberta de mundos possíveis à afirmação da possibilidade de um único mundo, aparentemente desprovido de alternativas.

A palavra de ordem “um outro mundo é possível” não remete mais “à luta de classes e à necessidade de tomar o poder”. Segundo Lazzarato, ela

não nomeia o sujeito da história (a classe trabalhadora), seu inimigo (o capital), a luta mortal que os opõe. Limita-se a anunciar que o possível foi criado, que novas possibilidades de vida estão se expressando e que se trata de efetua-las (2006: 12).

Diferentemente dos movimentos revolucionários tradicionais, que tinham os seus programas pré-estabelecidos (o que consiste em

um dos seus maiores equívocos), o levante, conforme propugna por Bey, ou o acontecimento, conforme propõe Lazzarato, coloca em movimento as multidões e tem como característica própria a condição de processo constituinte. Em vez da consciência de classes, aqui é imprescindível a consciência permanente da emancipação como possibilidade concreta. Isso é algo tão novo que o maior desafio é admitir que as conquistas emancipatórias podem resultar de algo sem um *script*. E eis aí o primeiro passo para a construção da liberdade. Na esteira dessa proposição, faz-se imprescindível assumirmos a dimensão da aposta, que “é integrante de toda ação genuinamente política”, uma vez que, “por não conhecer de antemão todas as variáveis, a ação política precisa dar um tipo de salto cego, algo muito próximo da experiência da fé, e acreditar que outro mundo diferente do atual é não apenas pensável, mas realizável” (MATOS, 2014: 222).

Esse caráter do realizável, entretanto, não se encerra nas ações/acontecimentos que desencadeiam as rupturas com a ordem vigente ao desvelar o sistema e provocar fraturas em seu funcionamento. Faz ainda imprescindível não se deixar capturar, não perder a condição de constituinte. Nas palavras de Hardt e Negri,

a tarefa não é codificar novas relações sociais numa ordem fixa, mas sim criar um processo constituinte, que organiza essas relações e as faz perdurar, ao mesmo tempo que promove inovações futuras e permanece aberto aos desejos da multidão. Os movimentos declararam uma nova independência, e um poder constituinte deve levar isso adiante (2014: 17).

Ao convencer-mo-nos de que o alcance do realizável passa pela necessidade de mudança radical com toda a ordem existente a que estamos habituados implica assumirmos, inclusive, que o foco dos esforços empreendidos já não pode restringir-se tão somente na negação a violência perpetrada por meio de hierarquias opressivas, mas devem se ampliar com vistas a abarcar aquilo que se pretende

abrir enquanto horizonte de possibilidades. O poder constituinte colocado em curso pelo acontecimento ou pelo levante não pode ceder frente aos mecanismos que procuram limitá-lo e subordiná-lo ao poder constituído. É neste sentido a lição de Lazzarato quando aponta que:

os movimentos políticos não devem apenas resistir e se defender, mas afirmar-se como forças criadoras. Isso por si só constituiria uma mudança radical em relação à tradição do movimento operário, já que o acontecimento político introduz uma assimetria na dialética com a qual, na sequência do marxismo, apreendíamos o conflito e a luta. O “não” endereçado ao poder não é mais o ponto de partida de uma luta dialética, mas a abertura de um devir. E essa resistência deve-se abrir a um processo de criação, de transformação da situação, de participação ativa nesse processo (2006: 20-21).

Se o que se pretende é construir o inteiramente novo, os meios para atingi-lo também precisam ser reconsiderados. A tradição dos movimentos políticos organizados em partidos e sindicatos, dentre outros, atrelou-se a modalidades de mobilização tributária do texto escrito, sob o formato de manifestos. Não obstante a contribuição e validade de tais formas de expressão, o impacto proporcionado à comunicação torna-se viável pelos avanços das tecnologias de informação, bem como a multiplicidade de apropriações destas no cotidiano exigem um rigoroso redimensionamento de estratégias, incluindo-se uma linguagem capaz de reconectar o tecido social à vida, aos desejos e tudo mais que nos foi expropriado.

4.

A partir desse ponto retomaremos a discussão a respeito das Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), uma vez que elas agem por meio de levantes que empregam como forma de ação o que Bey denomina

de “terrorismo poético” e podem ser vistas como formas de batalha para se forçar uma abertura de mundos.

Os meios aos quais a TAZ pode recorrer para atingir seus objetivos podem ser os mais variados, mas, nas atuais condições em que nos encontramos, na qual a vida está cada vez mais permeada por relações/transações via net – e que grande parte do controle sobre a vida passa por ela – em primeiro lugar, faz-se mister questionar a própria rede oficial (net), e buscar forjar espaços e constituir a contra-net. Segundo Bey, “a contra-net assume a promessa de ser um aspecto integral da TAZ, uma adição que irá multiplicar o seu potencial, um salto “quantum”, um salto enorme em termos de complexidade e significância” (2001: 36), uma vez que é neste âmbito que se movimenta o chamado cyberativismo ou ativismo hacker.

O hacktivismo é a uma das formas de ação eleitas por aqueles que fazem parte da experiência das TAZ, e, tendo em vista que o mesmo pode ser entendido como uma congregação de atividades online de hacking com ativismo político, configura-se como uma forma de terrorismo poético, uma vez que suas ações têm por objetivo “destruir as abstrações em vez de destruir as pessoas, a libertação em vez do poder” (BEY, 2003: 31).

A obra de Hakin Bey, *TAZ: Zona Autônoma Temporária*, cuja primeira edição data de 1991, assinala que A TAZ, à época, embora se tratasse de intuição, já anunciava a crença de seu autor de “que a contra-net já está se formando, ou talvez já exista - embora eu não possa prová-lo.” Na ocasião, Bey conclamava os hackers a provarem que ele estava certo (2001: 42). O que o mesmo tinha à época das suas postulações a respeito da Zona Temporária Autônoma se circunscrevia na esfera das possibilidades. Dadas as limitações infraestruturais que se apresentavam aos coletivos hackers há duas décadas, principalmente no que tange aos poucos recursos acessíveis, não surpreende que a ampliação do acesso a esses recursos nos dias de hoje tenha propiciado meios para que o mundo cibernético se convertesse em promissor espaço de ação política, profícuo à implementação do que Bey invocara. A irrupção do hacktivismo evidencia a existência desse

novo espaço e suas astuciosas estratégias, e serve de cenário ao enredo da série norte-estadunidense *Mr. Robot* (2015).

Não há nenhuma indicação explícita que vincule o enredo da série *Mr. Robot* às profecias do caos eletrônico formuladas por Bey; entretanto, ao analisarmos relatos de Sam Esmail – criador do seriado – no especial “*Mr. Robot_dec0d3d.doc*” (2016), é perfeitamente possível identificarmos incisivas similaridades. Esmail, ao falar de suas influências, se define como possuidor de um “espírito anti-corporativo e anti-ordem”, e admirador de movimentos como o *Occupy Wall Street* e a Primavera Árabe. A produção da série, neste sentido, seria para Esmail um meio hábil de converter sua indignação com o sistema em algo produtivo.

O roteiro escrito por Esmail se desenvolve tratando do hacktivismo, e é sensível ao abordá-lo em sua trama, apresentando-o como um conjunto de ações protagonizadas por uma associação de hackers e evidenciando os seus dilemas existenciais e ao mesmo tempo políticos por meio da construção de personagens perfeitamente factíveis na sociedade contemporânea. Consideremos nesse ponto a figura de Elliot: o engenheiro de segurança cibernética na empresa AllSafe – responsável por resguardar os dados e permitir o funcionamento das operações/movimentações do capital financeiro da megacorporação E-Corp – converte-se em um hacktivista. Para um indivíduo cuja função consiste em “proteger” este tipo de informação, acaba por lhe ser desvelada toda a gama de artifícios que dão sustentação à ordem de espoliação vigente. E neste ponto específico a ficção parece encontrar a realidade.

Andy Müller-Maguhn, que dialoga com Julian Assange – personagem emblemático e pioneiro – no livro *Cypherpunks: liberdade e futuro da internet*, aponta que “o sistema econômico se baseia na infraestrutura eletrônica”, e que “essa arquitetura acaba refletindo o modo como o dinheiro flui, como ele é controlado, como ele é centralizado e assim por diante” (2013: 90). Para os engenheiros cibernéticos que engendram tal arquitetura, pelo fato de serem *insiders*, qualquer possibilidade de indignar-se contra a ordem

vigente e exteriorizar tal indignação por meio de ações torna-se iminente. O especialista em segurança no expediente da corporação pode se converter em hacker, desde que se perceba como agente da possibilidade de criação de novos mundos.

Se ousarmos pensar na operacionalização de processos ou ações de profanação dos preceitos normativos que comportam a violência sistêmica praticada pelo capital global, avalizado pelo Estado, o enredo ficcional da série Mr. Robot nos apresenta algo bastante compatível com aquilo que designaria a noção de que a arte imita a vida. Na série Mr. Robot, temos que a FSociety ataca justamente a “consciência desventurada que transforma a culpa numa forma de vida” ao apagar, por meio de um ataque de negação de serviço (*distributed denial of service* - DDoS) – que visa a tornar os recursos de um sistema indisponíveis para os seus utilizadores –, todas as dívidas que as pessoas possuíam com a Evil Corp. Aproveitando-se das fendas e rachaduras do Estado onipresente e todo-poderoso, esta forma ficcional de TAZ coloca em prática o conceito de “terrorismo poético”, entendido por Bey como “ações não-violentas em larga escala que podem ter um impacto psicológico comparável ao poder de um ato terrorista - com a diferença que o ato provoca uma mudança de consciência” (2002: s/p).

O acontecimento/levante implementado pela FSociety no enredo ficcional ressoou nas subjetividades oprimidas pelo capital global, produzindo uma mudança de sensibilidades orientada à transformação do mundo experimentado, que pode ser percebida no episódio 1.9 – zer0-day, na cena em que há a afluência das pessoas as ruas, enquanto ecoa a voz do porta-voz mascarado da FSociety, que convoca a sociedade a construir um mundo novo:

[...] we hope as a new society rises from the ashes that you will forge a better world, a world that values the free people, a world that belong to us, again. A world changed forever! And while we do that, remember to repeat these words: we are FSociety, we are finally free, we are finally awake!⁵¹

51 “esperamos enquanto uma nova sociedade surge das cinzas, que você forjará um

Longe de se apresentar como uma solução final, o acontecimento/levante deflagrado pela FSociety na série Mr. Robot visa a estruturar novos agenciamentos sociais para a efetivação do possível. Ao focar sua ação naquilo que considera intolerável, ou seja, o domínio do social pelo econômico, acaba por destruir a “escravidão por dívidas”, e oferece, desta feita, um vislumbre acerca de novas possibilidades de vida, que devem ser efetivadas por meio da construção do comum. O seriado nos coloca de frente com o fato de que, se o capitalismo nos legou a dominação/estagnação de nossas subjetividades, não nos resta outra alternativa senão aderir à possibilidade de construir subjetividades inteiramente novas, fundadas na premissa de que outro mundo é possível.

5. Sobre Estado, democracia e seus mestres corporativos:

Conforme assinala Lummis “la democracia ha sido tratada como la prostituta de las palabras políticas”, uma vez que seus usos, ao longo do curso da história, reiteradamente corromperam seu real significado. Em prol de angariar a legitimidade popular com o uso de sua denominação, governos se apropriaram dela como uma forma de ludibriação, com vistas a manter uma separação entre governados e governantes. Reivindicar a recuperação dessa denominação faz-se uma necessidade premente, pois, “si entendida radicalmente, contiene una promesa aún por cumplir” (2002: 26).

O primeiro *teaser* da série Mr. Robot aponta justamente esse caráter farsante da democracia tal como a vivemos, quando Elliot, ao começar a construir um personagem, um amigo imaginário, dá início a um monólogo dirigido a esse amigo, que é, na verdade, o espectador:

What I'm about to tell you is top secret, a conspiracy bigger than all of us. There's a powerful group of people out there that are secretly running the world.

mundo melhor, um mundo que valorize as pessoas livres, um mundo que pertença a nós novamente. Um mundo definitivamente mudado! E enquanto o criamos, lembre-se de repetir essas palavras: nós somos a FSociety, estamos finalmente livres, estamos finalmente acordados!” (tradução livre).

I'm talking about the guys no one knows about, the guys that are invisible. The top 1% of the top 1%, the guys that play God without permission.⁵²

Em perspectiva estritamente economicista, tendeu-se a reduzir o capitalismo à esfera da economia. No entanto, cabe aqui reportarmos a Carl Schmitt, que promoveu uma ruptura paradigmática ao perceber que “la economía es la modalidad contemporánea de lo político” (*apud* LAZZARATO, 2015: 46). Em um mundo no qual a riqueza acumulada pelo 1% da população mais abastada equivale à riqueza dos 99% restantes, segundo pesquisa realizada pela Oxfam (REUBEN, 2016), assistimos à configuração de uma plutonomia, que, segundo Matos, nos remete “a nova forma que o capitalismo vai aos poucos assumindo e trazendo à sua autoconsciência” (s/d, p. 16). O termo plutonomia foi cunhado pelo *Citygroup*, a maior empresa do ramo de serviços financeiros do mundo, de acordo com a revista *Forbes*⁵³, para se referir à divisão do mundo em dois blocos: o dos extremamente ricos e o resto, ou seja, os desprovidos de recursos financeiros. No entanto, não há que se pensar que esta divisão se mantém restrita ao plano meramente econômico, uma vez que grandes corporações utilizam de seu poder financeiro para influenciar/moldar/encampar o poder político, de modo que a plutonomia acaba por converter-se em uma plutocracia. É esta a denúncia contida no primeiro *teaser* da série norte-americana *Mr. Robot*.

O que até o presente admitimos ingenuamente como democracia real não é mais que uma estrutura mediatizadora, “com as suas promessas eleitorais feitas para serem atraídas, as suas salas de gravação denominadas ‘parlamentos’ e as suas negociatas pragmáticas para enevoar o mundo em favor de diferentes *lobbies*. (COMITÊ INVISÍVEL, 2014: 46). No entanto, tal percepção da realidade como

52 O que estou prestes a contar a vocês é ultra-secreto, uma conspiração maior que todos nós. Existe um poderoso grupo de pessoas que estão secretamente dirigindo o mundo. Estou falando dos caras de quem ninguém sabe, os caras que são invisíveis. O 1% do 1%, os caras que brincam de Deus sem permissão. (tradução livre)

53 Disponível em: <<http://www.forbes.com/companies/citigroup/>>. Acesso em: 12/07/2016.

democracia é eivada de engodo, uma vez que extirpa o poder do povo e o confere a estruturas hierarquizantes e opressoras. Diante desta constatação, o slogan apresentado no cartaz do seriado Mr. Robot é significativo: *our democracy has been hacked*. A atrevida expressão evoca a possibilidade de uma ruptura com aquilo que “desde sempre” nos habituamos a aceitar como democracia. Se pretendemos radicalizar a noção de democracia para reabilitar seu uso como uma prática de fato emancipatória, capaz de realizar-se no pleno sentido que o termo designa, no qual o poder efetivamente é do povo, temos que este só pode ser reavido por meio da reaquisição da liberdade confiscada. “La democracia radical no anula el poder; dice que el pueblo lo tendrá, que el poder será su libertad” (LUMMIS, 2002: 42).

Assumindo os riscos do otimismo e da precipitação, vislumbramos indícios de alvissareiras modalidades de lutas na audaz insurgência dos levantes contemporâneos. Os movimentos sociais que ocuparam ruas e outros espaços nos últimos anos carregam em si características peculiares, tanto em termos de forma quanto de conteúdo. Em primeiro instante, a mobilização decorre de fatores inusitados, tornados evidentes a partir de ações/intervenções de ativistas cibernéticos, a exemplo de coletivos como *Anonymous*, *15-M*, dentre outros. No que tange ao conteúdo, diversamente de movimentos tradicionais, previamente atrelados a pressupostos ideológicos herméticos, programas de partidos e de governos, as insurreições contemporâneas eclodem a partir de detonadores pertencentes a comunidades obliteradas, segregadas e socialmente desagregadas que vivenciam a miséria material e usurpação das subjetividades. Esta ininterrupta experiência do comum constitui fator gregário dos subalternizados e converte-se em fator de sublevação.

É nesse contexto que se inserem as ações de coletivos “hacktivistas”. O movimento hacker é multifacetado e há muitas controvérsias a seu respeito. Entretanto, suas ações têm cada vez mais assumido atitudes de cunho contestador, político. O de maior notoriedade entre esses grupos, certamente, é o *Anonymous*. Em *Hacktivismo: o ciberespaço tornou-se a nova mídia para vozes políticas*, do

McAfee Labs, o engenheiro de segurança cibernética François Paget se refere ao *Anonymous* como um movimento, definindo-o “mais uma ideia do que um grupo, um conceito social que seus membros individuais podem adotar para agir anonimamente” (s/d: 06). Em seu intento de apresentar uma definição do *Anonymous*, Paget assinala que,

[...] embora pareçam não ter líderes reais, eles se reúnem ocasionalmente para executar ações orquestradas — que podem ser qualquer coisa, desde pura diversão (frequentemente de mau gosto) até ativismo — para as quais encontram uma motivação em comum. Qualquer usuário da Internet pode se conectar à rede de bate-papo IRC, participar das discussões e aderir ou sugerir uma “operação” sobre algum tema. Em seus momentos de maior atividade, particularmente durante a Primavera Árabe e a Operação Payback, consta que as redes de bate-papo atingiram um pico de participação de 3.000 pessoas conectadas simultaneamente (s/d: 06).

Percebemos, nos termos utilizados por Paget, algo deliberadamente reducionista ao referir-se ao movimento. Não obstante, é por demais significativo atentarmos à preocupação de uma corporação do porte da Intel (responsável pelo McAfee Labs) em patrocinar um estudo diligentemente executado por um de seus engenheiros, centrado especificamente na temática “hacktivismo”.

Para além do acima exposto, convém redirecionarmos o enfoque ao que entendemos enquanto potencial das insurreições contemporâneas, instaladas dentro e fora do ciberespaço, que se atualizam por meio daquilo que pode ser compreendido como o terrorismo poético, evocando à insubordinação, ao atrevimento, à irreverente, porém, audaciosa – e por que não dizer, realizável – possibilidade de obliterar a prepotência do sistema de dominação global travestido de democracia.

Exemplos de ações de TAZ que se movem para apropriação do espaço do inimigo, com vistas a ocupá-lo e transformá-lo não se restringem ao mundo ficcional, mas são empreendidas por comunidades de hackers no plano real – talvez até mais do que os meios de comunicação monopolizados por estruturas opressoras nos dão a conhecer. Neste sentido, o que seria a ação, deflagrada em 14 de novembro de 2014 pelo *RedHack* – um coletivo hackers turcos –, ao invadir o site da *Turquia Electricity Transmission Company*, e apagar as contas pendentes de cidadãos turcos no valor 1,5 trilhão de liras turcas (impressionantes \$668,5 bilhões de dólares), conforme relatado pela TecWorm, senão uma forma de terrorismo poético? O terrorismo poético, conforme conclama Bey, “comporta-se como um aproveitador barato cuja meta não é dinheiro, mas mudança”, e este o objetivo precípua do terrorismo poético: “se ele não muda a vida de alguém (além da do artista), ele falhou” (2003: 07).

A leitura de Bey a respeito do que convencionou chamar de terrorismo poético, sem maior esforço, vai ao encontro de reflexões de Hardt e Negri, que consideram a necessidade de rebelar-se perante a terrível falta de esperança em que nos encontramos imersos. O terrorismo poético configurar-se-ia como uma instância possível para “dar voz a indignação que fervilha em todos nós quando nos deparamos” com a mísera situação a que nossas vidas foram reduzidas sob a batuta do capitalismo global. A sociedade capitalista em sua fase neoliberal instaurou uma terrível crise nos enquadrando numa realidade marcadamente caracterizada pela perda da esperança, que cada vez mais “individualiza e tenciona as paixões humanas”, nos fazendo parecer isolados e despotencializados. Entretanto, contraditoriamente, esta condição de todos indivíduos estarem vivenciando a mesma crise, conforme Hardt e Negri apontam, precipita uma condição comum, um estar juntos – a condição comum compartilhada pelos endividados “designa uma condição coletiva”. É nesta condição que desperta um “*kairós* de resistência e um *kairós* de comunidade”. Ainda inspirando-nos em Hardt e Negri, acreditamos que essa condição de sentimento comunitário alimentado por uma mazela comum, poderá constituir-

se como o instrumento capaz de recuperar a “força que reconecta a ação de estar junto” (2014).

A sagacidade dos usuários dos espaços das TAZ consiste fundamentalmente na perspicácia de propor uma nova forma de reconexão, e por meio desta, a possibilidade de um agir conjunto, de construir o comum. No extremo, podemos afirmar que não é outro o sentido da mensagem deixada pelo coletivo *RedHack* após invadir instâncias governamentais da Turquia e quitar dívidas de cidadãos:

We are a hackers collective only to work for the needs of the people and show to the corrupt system that no one is untouchable. Our previous hacks have proved this numerous times. Hackers of the world unite against tyrants. We have nothing to lose but our keyboards (*apud* TECWORM, s/d).⁵⁴

De mesmo modo, conforme salientam Hardt e Negri (2014), todo movimento político nasce de uma decisão de ruptura, a uma proposição de agir juntos. O desafio proposto pelos integrantes da TAZ *Redhack* encerra uma conclamação que pode ser compreendida como a deflagração em escala global da “máquina de guerra nômade”, que, em última instância, deve se pautar na proposição de Bey: “O melhor TP é contra a lei, mas não seja pego. Arte como crime; crime como arte” (2003: 07).

Um chamado global às armas com vistas a colocar em prática uma forma mais sofisticada de terrorismo poético, denominada por Bey de “arte-sabotagem”, foi feito pela TAZ *Anonymous* em 08 de maio de 2016, ao convocar a comunidade hacker a agir na derrubada do “cartel bancário mundial”, com a seguinte mensagem:

[...] Like Icarus, the powers that be have flown too close to the sun, and the time has come to set the

54 “Somos um coletivo hacker somente para trabalhar pela necessidade das pessoas e mostrar ao sistema corrupto que ninguém é intocável. Nossas ações anteriores provaram isso [inúmeras] vezes. Hackers do mundo, uni-vos contra os tiranos. Não temos nada a perder senão nossos teclados” (tradução livre).

wings of their empire ablaze, and watch the system their power relies on come to a grinding halt and come crashing down around them. **We must strike at the heart of their empire by once again throw a wrench into the machine, but this time we face a much bigger target - the global financial system. This time our target is the Global Banking Cartel as a whole.**

This is a call to arms, brothers, who for too long have stood for nothing but have criticized everything.

Stand now, behind the banner of free men against the tyrannical matrix of institutions that oppose us. In the beginning some people may stand to lose something from this, but the powers that be stand to lose much more [...] (2011, grifos nossos)⁵⁵.

Essa operação em conjunto com o *GhostSquad* – outro coletivo hacktivista –, denominada *Icarus*, consistiu em uma série de ataques ao longo de 30 dias a bancos centrais de propriedade do BIS (Banco de Compensações Internacionais) e do Rothschild. A ação conjunta conseguiu retirar do ar, mesmo que por algumas horas, os sistemas do Banco Central da Grécia, de Chipre, da República Dominicana, o Banco Central Holandês, o Banco Central das Maldivas, de Copenhague, da França, dos Emirados Árabes entre outros. Em comunicado à imprensa após as ações, o grupo *Anonymous* declarou que escolheu tais bancos como alvos por se tratarem de paraísos fiscais – instâncias mais inescrupulosas de proteção das elites, e prosseguem dizendo tratar-se

55 “Como Ícaro, os poderes que [eles] têm aproximaram-se por demais do sol, e chegou o tempo de incendiar as asas de seu império, e observar o sistema no qual seu poder se funda frear abruptamente e ruir em seu redor. Temos que atacar o coração de seu império jogando novamente uma chave na máquina, mas dessa vez enfrentamos um alvo muito maior – o sistema financeiro global.

Dessa vez nosso alvo é o cartel global de bancos como um todo.

Este é um chamado às armas, irmãos, que por muito tempo não defenderam nada mas criticaram tudo.

Levantem-se agora, sob o estandarte dos homens livres contra a *matrix* tirânica das instituições que se opõem a nós. No começo algumas pessoas sofrerão perdas com isso, mas os poderes que [eles] defendem perderão muito mais”. (tradução livre)

de um protesto contra os bancos centrais e o 1%, uma vez que nenhuma conta referente a pessoas pobres foi violada (SYRMOPOULOS, 2016: s/p).

O imperativo da mentira, da ditadura do capital financeiro, da crença na democracia real não mais parecem tão inabaláveis perante o atrevimento, a presunção da possibilidade do ataque imprevisível, impulsionado por aqueles que acreditam que “um outro mundo é possível”. Historicamente, grupos subalternizados recorreram a sabotagem para driblar seus opressores: escravizados, indígenas, migrantes, endividados, e etc., que possuíam em comum a condição de aviltados de si mesmos. A sabotagem como arte, e arte como sabotagem: eis potência do ativismo hacker, a arte-sabotagem, criação-através-da-destruição. Para Hakim Bey,

A arte sabotagem vai além da paranoia, além de desconstrução – a crítica definitiva – ataque físico à arte ofensiva. [...]. Se certas galerias e museus merecem, de vez em quando, receber uma tijolada pela Janela – não a destruição, mas sim uma sacudida na sua complacência –, então o que dizer dos BANCOS? Galerias transformam beleza em mercadoria, mas bancos transmutam a Imaginação em vezes e dívida. O mundo não ganharia um pouco mais de beleza com cada banco que tremesse... ou caísse? Mas como? A Arte-Sabotagem provavelmente deve ficar longe da política (é tão chata!) – mas não dos bancos (2003: 12).

Se os obstáculos que nos separam da liberdade persistem, materializados, por exemplo, na concentração de riquezas, a dimensão da aposta possibilitada, como diz o Comitê Invisível (2014), por “um brutal acesso de sensibilidade”, nos propiciou uma abertura de mundos, e, talvez tenha sido esse principal legado deixado pelas insurreições contemporâneas, pelo ativismo cibernético e pela arte insubordinada. Porém, a partida está apenas começando.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANONYMOUS. Banksters war against people. Vídeo disponibilizado no Youtube, 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ghQuEzYK82Y>>. Acesso em 12/07/2016.

ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: Liberdade e o futuro da internet*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

BEY, Hakim. *Caos: Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. Trad. Patricia Decia e Renato Resende. São Paulo: Ed. Conrad, 2003.

_____. Entrevista concedida à Hight Times Magazine. Trad. Guilherme Caon, 2002. Disponível em: <http://pt.protopia.at/wiki/Entrevista_com_Hakim_Bey_na_High_Times>. Acesso em: 02/07/2016.

_____. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Trad. Patricia Decia e Renato Resende. São Paulo: Ed. Conrad, 2001.

_____. *Sedução dos zumbis cibernéticos* (1997). Disponível em: <http://ptbr.protopia.wikia.com/wiki/Sedu%C3%A7%C3%A3o_dos_Zumbis_Cibern%C3%A9ticos>. Acesso em: 01/07/2016.

_____. *Ataque oculto às instituições* (s/d). Disponível em: <<https://sobreasruinasdacivilizacao.noblogs.org/post/2016/06/09/ataque-oculto-as-instituicoes-por-hakim-bey/>>. Acesso em: 03/07/2016.

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: Crise&Inssureição*. Trad. Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ESMAIL, SAM. *Mr. Robot*. (seriado). 2015/2016. Produzido por USA Network.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Declaração: Isso não é um manifesto*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: n-1 edições, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. *Gobernar a través de la deuda: Tecnologías de poder del capitalismo neoliberal*. Bueno Aires: Amorrortu, 2015.

----- . *Subverter a máquina da dívida infinita*. 2012. Entrevista concedida a Antonio Alia, Vincenzo Boccanfuso e Loris Narda. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/510091-subverter-a-maquina-da-divida-infinita>>. Acesso em: 09/07/2016.

----- . *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

LUMMIS, C. Douglas. *Democracia Radical*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

MATOS, Andityas Soares de Moura. *Filosofia Radical e Utopia: Inapropriabilidade, an-arquia, a-nomia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

----- . *Carl Schmitt, comunidade e novo direito: elementos para uma crítica da democracia liberal*. (s/d)

PAGET, François. *Hacktivismo: o ciberespaço tornou-se a nova mídia para vozes políticas*. S/d. Disponível em: <<http://www.mcafee.com/br/resources/white-papers/wp-hacktivism.pdf>>. Acesso em: 09/07/2016.

REUBEN, Anthony. 1% da população detém a riqueza dos 99% restantes, diz estudo. BBC Brasil, 2016. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn>. Acesso em 11/07/2016.

SYRMOPOULOS, Jay. *Anonymous hackers shut down Federal Reserve Bank*, 2016. Disponível em < <http://www.anonews.co/anonymous-hackers-shut-down-federal-reserve-bank>>. Acesso em 12/07/2016.

TECWORM. *RedHack hacks into Turkey's Electric Distribution company website, delete bills worth 1.5 trillion Turkish Lira*. Disponível em:<<http://www.techworm.net/2014/11/redhack-hacks-turkeys-electric-distribution-company-website-delete-bills-worth-1-5-trillion-turkish-lira.html>> Acesso: 05/07/2016.